

Comunicações Coordenadas

Dia 14/07/2010 - apresentação oral

Quando o Marajó é museu: O percurso museológico de Padre Giovanni Gallo

Lucia das Graças Santana da Silva

Projeto Tecendo a Museologia Local na Amazônia Paraense:

mudanças, perspectivas e ações

Orientadora: Dra. Maria Cristina Bruno

ULHT- Lisboa, Portugal

MPEG, Belém, Brasil

As autobiografias são narrativas de memória, por si só podem suscitar vários riscos: o enaltecimento do personagem como um herói, a desconfiança dos seus feitos, entre outros, mas se for costurada com outras referências teóricas e documentais, esses riscos tendem a diminuir. No caso aqui, é tentar compreender como o padre Giovanni Gallo descobre o Marajó e o transforma em um *lugar de memória*, se utilizando de todo um processo de musealização que implica a viagem, o diário de campo autobiográfico e o a criação do museu no maior arquipélago fluvial ao norte do Pará, Brasil.

A metodologia se baseia em dois movimentos: análise documental da obra de Gallo, principalmente a partir do livro *Marajó: a Ditadura das Aguas* (1979) e os recortes dos jornais do Pará sobre a sua imersão na Ilha, onde nos narra os desafios de transformar o Marajó num museu, não à deriva da coletividade, pelo contrário deposita na instituição uma ponte que permite traçar caminhos em prol da região. O outro movimento é a percepção do percurso do padre em consonância com o movimento da *Nova Museologia* da década de 80 do século XX, período emblemático para a epistemologia da Museologia que vai romper como uma *ciência do museu* e redefinir sua filosofia e prática diante da relação do sujeito com seu território e patrimônio, numa

perspectiva de desenvolvimento social, ambiental, económico e cultural.

Em tempos de direito à memória, e direito a museu, a figura de Gallo representa um ícone para uma museologia local e inovadora, os seus feitos se aproximam de *Rivière*¹, quando acredita na força do objeto etnográfico e arqueológico como testemunho cultural de um povo, de *Freire*² e *Varine*³, quando é capaz de pensar nos direitos e na cidadania do ser humano, sendo a educação a principal vetora dessa ação e de *Mayrand*⁴ ao vislumbrar uma transmuseologia, em que a sociedade seja capaz de realmente protagonizar o seu destino, porque o *museu* estará vivo em suas atitudes, configurando caminhos edificantes para a Amazônia. Caminhos estes que possam contribuir para a diminuição da pobreza, da violência e de tantos outros problemas sociais que impossibilitam o desenvolvimento e o progresso comprometidos com a qualidade de vida do ser humano e do planeta. A transmuseologia não pode ser vista como utopia, deve ser incorporada como uma marca desafiadora do museu contemporâneo, promotor da memória dos povos.

Bibliografia:

¹ *Georges Rivière*, etnógrafo e museólogo Francês, juntamente com *Hugues de Varine* foram os precursores do movimento da Nova Museologia que se consolidou na década de 80 do século XX e fundadores do Ecomuseu na França. *Rivière* fala da importância da documentalidade do objeto na imagem do *museu laboratório*, como instrumento de educação e de referência cultural dos povos. Cf. RIVIÈRE, G. H. (1989) *La Museologia*, trad. Anton Rodrigues Casal. Akal p. 223-249.

² Paulo Freire: educador brasileiro que propõe uma teoria da educação baseada na prática da liberdade, onde o sujeito tomasse a consciência dos seus direitos e deveres no cerne da sociedade. A sua filosofia constitui a base do movimento da nova museologia, que centra suas atenções não no objeto, mas no desenvolvimento do ser humano. Cf. FERNÁNDEZ, L.A (1999) *Introducción a la nueva museologia*, Aliança Editorial, Madri p. 109.

³ *Hugues de Varine* juntamente com *Georges H. Rivière* foram os precursores do movimento da Nova Museologia que se consolidou na década de 80 do século XX. Formulou o conceito de Museu Integral. Cf: SANTOS (2008) *Museology and Community Development in the XXI Century*. *Caderno de Sociomuseologia*, Vol.29, No 29 (2008), Lisboa-Portugal, p. 47-70

⁴ *Pierre Mayrand* museólogo canadense, fundador do Ecomuseu Haute-Beauce que teoriza sobre a formação dos ecomuseus em diferentes comunidades, identificando vários estágios do processo museológico: a prémuseologia, museologia, para-museologia, pós-museologia e trans-museologia, sendo este último considerado como o estágio utópico onde o indivíduo não precisaria mais dos serviços do museu. Cf: SANTOS (2008). *Museology and Community Development in the XXI Century*. *Caderno de Sociomuseologia*, Vol. 29, No 29 (2008), Lisboa-Portugal. p. 79-102

FERNÁNDEZ, L. A. (1999). *Introducción a la nueva museología*. Aliança Editorial, Madri.

GALLO, G. (1981) *Marajó. A ditadura da água*. Nosso Museu. Santa Cruz do Arari, Pará. 2ª ed.

RIVIÈRE, G. H. (1989). *La Museologia*. Trad. Anton Rodrigues Casal. Akal. Madri.

OLIVEIRA, E. SANTOS, E. *A Inutilidade dos lugares de memória: a Biblioteca Verde de Carlos Drummond de Andrade*. Texto colocado no site www.espaçoacademico.com.br e enviado para Revista acadêmico nº 96-mensal Maio de 2009 ISSN 1519-6186, [Http://www.espaçoacademico.com.br](http://www.espaçoacademico.com.br). Cedido em 08/02/20010.

SANTOS, P. A. Dos (2008). *Museology and Community Development in the XXI Century*. Caderno de Sociomuseologia, Vol. 29, Nº 29 (2008), Lisboa-Portugal.